



## Seminários Essenciais Discipulado Cristão Aconselhamento Bíblico – Aula 3

\*Este material foi traduzido pela Igreja Batista Calvário em Pinhais

---

### A Identidade Cristã

#### Introdução

Só uma breve recapitulação do que já vimos: na primeira semana, descrevemos o aconselhamento bíblico como a oportunidade de falar da sabedoria de Deus para os outros. E vimos sete características dele: faz parte do discipulado, é relacional, bíblico, confessional, voltado para produzir mudanças, holístico e prático. Na semana passada, falamos sobre o coração ser o alvo principal quando tentamos entender aqueles que aconselhamos. Hoje, buscaremos pensar mais explicitamente sobre a identidade cristã. Estou definindo identidade como aquilo que responde à pergunta: “Quem sou eu?”.

#### A Batalha pela Nossa Identidade

Vamos começar lendo Fl 3.4b-11. [LEIA] O que aprendemos com esse texto?

- v. 4-6: “... eu também poderia confiar na carne” – Humanamente falando, Paulo poderia colocar sua confiança na carne — em si mesmo, no que ele tinha feito (circuncidado, perseguidor da igreja), em seu status (hebreu de hebreus; um fariseu). Todas essas declarações definiam sua identidade. Todas essas coisas, pelas quais ele poderia ter obtido “lucro”, traziam benefício para ele aos olhos do mundo.

- o CONTRASTE: v. 7-11. O que quer que antes fosse lucrativo e parecesse ter algum valor, ele agora considera uma perda, ou lixo, para saber e ganhar a Cristo. Aqui está uma outra declaração de identidade.

- em nossas vidas, há uma tensão entre o que o mundo diz sobre nós e o que a Palavra de Deus diz sobre nós. Essa tensão cria confusão, especialmente quando fazemos perguntas como: “Quem sou eu?” e “O que mais define a minha identidade?”

- a trajetória: uma necessidade de mudança – deixamos a forma como o *mundo* nos define (e/ou como nós nos definimos) para *Cristo* ser nossa identidade principal.

#### Como nós nos definimos?

Há muitas maneiras de responder à pergunta: “Quem sou eu?”. A lista abaixo não é tão abrangente, mas nos dá quatro exemplos de coisas que influenciam e moldam nossa identidade. Podemos chamá-las de *elementos que disputam nossa identidade*.

### **1. O que os outros pensam sobre nós**

É incrível pensar no quanto as opiniões das outras pessoas são importantes para nós. Para alguns de nós, em vez de ter uma noção clara de quem somos, o que nos define mais é o que os outros pensam sobre nós. Por exemplo, um cônjuge: Quando casais brigam, eles dizem coisas tolas que ferem e, depois, vivem para se arrepender. Já ouvi cônjuges cristãos confessarem coisas como: “Eu disse que ele é preguiçoso” ou “Eu disse para ela que estava gorda e acima do peso” ou, muito pior, dizendo algo como “Eu gostaria de nunca ter casado com você” ou “Nosso casamento foi um erro!”. Você mesmo pode perceber o poder que esses comentários teriam sobre você e como moldariam a forma como você se vê. Dentro de casamentos ruins, onde tudo está uma bagunça, é uma luta nos definirmos pelo que sabemos ser verdadeiro (conforme a Escritura ou até pelo conhecimento de nossa personalidade e traços familiares) em vez de pelo que nosso cônjuge diz sobre nós.

### **2. Nossos empregos**

Nossa educação e treinamento moldam a maneira como pensamos. É interessante se encontrar com um engenheiro, que é mais estrutural/analítico/lógico, em contraste com alguém formado em Letras, que tende a ter um pensamento mais filosófico e fluído. Em relação a nossos trabalhos, aquilo em que gastamos e investimos um tempo e energia extraordinários definirá o que valorizamos e como pensamos. Isto pode ser resumido pela frase: nós somos o que fazemos. Infelizmente, muitas vezes baseamos nossa autoestima quase que exclusivamente no nosso trabalho. Por exemplo: a cultura diz que a vida de uma mulher tem mais valor se ela passar seu tempo se dedicando à sua carreira. No entanto, eu digo à minha esposa, que é uma dona de casa, que o que ela faz terá um impacto muito mais duradouro do que qualquer coisa que eu faço. Como a principal educadora de nosso lar, ela tem a oportunidade de moldar e definir o caráter de nossos filhos todos os dias, e isso trará frutos, nos anos seguintes, ou positivos ou negativos.

### **3. Nosso diálogo interior**

Você fala consigo mesmo sobre você. Paul Tripp comenta: “Ninguém é mais influente em sua vida do que você, porque ninguém fala mais com você do que você mesmo. Você está em uma conversa interminável consigo mesmo o tempo todo, organizando, interpretando e analisando tudo o que está acontecendo tanto dentro de você quanto fora... Está constantemente envolvido em um diálogo interior que influencia grandemente as coisas que você decide, diz e faz.”

*[Pequena história: Eu estava passando pela mesa de um membro da minha equipe no trabalho e vi que ele estava murmurando algo para si mesmo. Ele olhou para mim e disse: “Dizem que falar consigo mesmo faz bem.” Eu respondi: “Isso tudo depende do que você diz a si mesmo.”]*

Quando for falar com você sobre si mesmo, tenha em mente que o que dizemos a nós mesmos importa. Seu diálogo interior molda sua identidade e autopercepções. Exemplo: a mania da dieta tem cativado a América há alguns anos. Se alguém está acima do peso, é justo que diga: “Estou acima do peso e preciso perder peso.”, mas já conversei com muitas mulheres que têm uma visão bastante distorcida de sua imagem corporal, e apesar de estarem magras, foram tão influenciadas pelos padrões culturais de peso que não ficam satisfeitas até estarem tão magras que ossos apareçam. Dizem para si mesmas: “Estou acima do peso!” ou “Meninas magras de verdade é que chamam a atenção!” quando,

na realidade, elas já estão é abaixo do peso. Isso só mostra como podem nascer um monte de frutos ruins de um coração que acredita em mentiras e as prega para si mesmo.

#### 4. Rótulos psicológicos

Extremamente populares em nossa cultura são os rótulos psicológicos como DDA [Deficit de Atenção], TSPT [Transtorno de estresse pós-traumático], depressão clínica, bipolaridade, esquizofrenia, etc. O que são esses rótulos? O DSMIV [Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais] é a Bíblia da psicologia e da psiquiatria. A comunidade psicológica e psiquiátrica criou esses rótulos para que dois médicos, em lugares diferentes, pudessem olhar para a mesma pessoa e diagnosticar o mesmo problema. É um conjunto de padrões adotados universalmente para identificar os problemas da vida. Como cristãos, podemos ver esses rótulos como dados coletados por milhares de psicólogos e psiquiatras e, em seguida, agrupados em diferentes padrões típicos de pecado. Então, esses padrões de pecado ganharam rótulos/nomes.

O verdadeiro perigo desses rótulos é o poder que eles têm sobre a identidade de alguém. Quando alguém é diagnosticado, esse diagnóstico tende a ser o princípio e o fim da existência dessa pessoa. Os outros elementos da identidade dela tendem a ficar em segundo plano. [Use a história de Powlison do marido e da esposa, quando ela finalmente pergunta: “Você disse TOC?” OU dê o exemplo do jovem que diz: “Não é minha culpa. Eu tenho TOC.”, removendo a responsabilidade moral de si mesmo e se desfazendo dela.]

#### Como a Bíblia define nossa identidade?

Temos trabalhado a ideia de identidade em resposta à pergunta “Quem sou eu?”. Uma coisa que você descobre aconselhando outros é que há uma variedade de coisas que moldam e definem como as pessoas se veem e se entendem. Experiências, pais, etnia, família, educação, trabalho — todos têm algum impacto em nossa identidade. Alguns têm uma influência maior que outros.

Eu defini essas coisas como elementos que disputam nossa identidade, ou seja, eles competem para moldar e definir quem somos. Com o que eles estão competindo? Em primeiro lugar, com as Escrituras, ou a perspectiva de Deus sobre as coisas. As áreas nas quais, muitas vezes, nos metemos em problemas são aquelas onde deixamos que as coisas deste mundo — experiências, abusos, etnia, família, educação, trabalho, rótulos psicológicos — se tornem mais importantes e influentes do que as Escrituras. Como cristãos, queremos que as Escrituras sejam a maior autoridade na formação e definição de nossa compreensão de nós mesmos e da realidade. Queremos que a autoridade do texto defina nossa identidade.

A verdade objetiva é a melhor maneira de definirmos nossa identidade. Olhamos para fora de nós mesmos para algo que não está contaminado pela subjetividade humana ou pelas motivações humanas pecaminosas. Encontramos a verdade objetiva na Bíblia porque ela é a própria Palavra de Deus. Deus não mente. Ele é a verdade. É autoridade sobre todas as coisas porque é o Criador e o Redentor. Porque o próprio Deus não mente, ele é sempre verdadeiro e autoridade total e final — esperamos que nossa identidade possa ser mais profundamente definida à medida que olhamos para nós mesmos através das lentes de Deus.

Como cristãos, ocorre uma *confusão de identidade* quando deixamos que as coisas deste mundo nos definam mais do que a Palavra de Deus. Grande parte do dilema é porque nossas experiências e nossas próprias interpretações pessoais da vida se tornam *autoridade* na forma como

nos definimos. O que eu penso ser verdade não importa. O que meus pais disseram, a formação que recebi, como me sinto (apesar de quão irracional possa ser às vezes), o rótulo que recebi do psiquiatra ou o que eu digo a mim mesmo, todas essas coisas se tornam mais importantes do que a Palavra de Deus. Elas podem governar temporariamente a minha vida.

[PAUSA PARA PERGUNTAS]

## **Pensando bíblica/teologicamente sobre nossa identidade**

Como cristãos, queremos que a Palavra forme e defina quem somos. As Escrituras nos dão algumas categorias fundamentais para moldar nossa identidade. Um modelo clássico (e muito bíblico) de fazer teologia é o **C-Q-R**. Queremos deixar que a história bíblica defina quem somos como cristãos. Meu objetivo aqui é simplesmente mostrar como as categorias teológicas são extremamente *relevantes* na definição de nossa identidade, e espero que sejam as mais valiosas em nossas mentes como cristãos.

### **Criação** (isto é, somos seres humanos criados)

Vários pontos fluem dessa verdade: (1) Como seres humanos criados e portadores da imagem de Deus, temos uma dignidade e valor que nos separam de todo o resto da criação de Deus. Aplicação: O abuso em qualquer de suas manifestações é uma distorção horrível do que Deus deseja, ou seja, os pais administrando o dom de ter filhos com amor e responsabilidade, criando um ambiente seguro onde as crianças crescem sabendo que são amadas. Crianças que são abusadas física ou sexualmente crescem com um senso de indignidade. Quando crescem, como adultos elas costumam pensar coisas como “Eu sou um lixo”, “Eu não valho nada” ou “Ninguém poderia me amar”. Como portadores da imagem divina, temos dignidade e valor por causa de quem Deus nos fez ser. Um dos meios que Deus usa para incutir esse senso de valor e dignidade em nós é através de nossas famílias. O abuso oblitera esse senso de valor e dignidade do portar a imagem de Deus.

(2) Como seres humanos criados, nós recebemos a revelação. Muitas vezes pensamos na Palavra como necessária por causa do nosso pecado, mas a realidade é que a humanidade já precisava das Palavras de Deus desde o início. Em Gênesis 1, a história da criação é construída em torno de uma simples frase: “E Deus disse...” (Gn 1.3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26). Há uma interrupção da cadência dessa narrativa quando Deus, após ter criado Adão e Eva, *conversou* com eles (Gn 1.28; 2.16-18). Adão e Eva foram criados para serem *receptores da revelação*.<sup>1</sup> Eles não podiam viver separados da Palavra de Deus. Deus deu orientações específicas ao homem e à mulher para viverem no Jardim. “Sejam fecundos e se multipliquem. Subjuguem a terra. Comam da árvore que quiserem livremente, só não *dessa*.” Não sabemos o que teria acontecido se Deus nunca tivesse falado, mas devemos estremecer de sequer cogitar uma vida sem a Palavra de Deus. Por sua grande misericórdia, Deus se comunicou com o homem. Falou com o homem primeiro no Jardim. Depois, através de Moisés e dos profetas. E, finalmente, através de seu Filho. “Antigamente, Deus falou, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, mas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho...” (He 1.1-2).

---

<sup>1</sup> Paul Tripp originalmente cunhou o termo “receptores da revelação” em seu livro *Instrumentos nas Mãos do Redentor* (2002), p. 40.

## **Queda** (isto é, somos pecadores)

- A imagem de Deus em nós está quebrada, contaminada pelo pecado. Nós caímos da graça de Deus (por causa do pecado original, que eles herdaram de Adão e Eva, e de suas próprias transgressões).
- Agora estamos debaixo da ira de Deus por causa dos nossos pecados.
- Isso significa que nossos afetos, motivações e pensamentos estão fora de sincronia com Deus.
- No entanto, ainda temos a imagem dEle e, portanto, ainda podemos conhecê-lo e sermos perdoados por Ele.

(1) Os pecadores são adoradores de si mesmos. Aplicação: Se formos resumir fundamentalmente nossas identidades a uma característica só, podemos dizer que somos adoradores. A questão não é se adoramos, mas o que adoramos. Nosso pecado nos faz irmos para longe de Deus e nos colocarmos como a peça central do nosso mundo. “Eu” sou mais importante do que qualquer outra coisa na minha vida. [A história do Éden como uma declaração de: “Eu me amo.”] Às vezes, a adoração de nós próprios molda a nossa identidade de maneiras mais *explícitas* – você manipula seu cônjuge ou amigos para fazerem o que você quer. Às vezes, de maneiras mais *sutis* – em uma festa, você tenta contar histórias engraçadas, não só porque você é engraçado, mas porque, na verdade, gosta de ser o centro das atenções.

(2) Os pecadores se (auto)enganam. Aplicação: Os cristãos têm “pontos cegos”, maneiras pelas quais nós, como crentes, vivemos na ignorância do pecado que habita em nós e de seus efeitos nocivos em nossas vidas. *Ignorância* é o termo chave aqui. O pecado pode me deixar cego para meus próprios defeitos. O pecado faz com que eu me (auto)engane sobre a profundidade e amplitude dos problemas da minha vida. Quais são os pontos cegos em sua própria vida? Se são pontos cegos, naturalmente, é porque estamos cegos para eles. Uma boa maneira de combater o pecado é reconhecer cada vez mais esses pontos cegos.

## **Redenção** (ou seja, somos redimidos)

Os cristãos se arrependem e confiam em Cristo. Se você se arrepende e confia em Cristo, você se torna parte da família de Deus e sua imagem é conformada para ser cada vez mais parecida com Cristo.

(1) Como homens e mulheres redimidos, somos transformados em adoradores de Deus. Aplicação: *Regeneração* e *conversão* levam a um novo coração. Deus conquista o nosso coração. Corações transformados levam a desejos transformados e frutos duradouros. Passamos a desejar coisas que não desejávamos antes — estar na Palavra de Deus, amar o povo de Deus, servir em vez de ser servido. Ter corações transformados significa que não somos mais o que fomos um dia. Quaisquer que tenham sido as associações que fazíamos antes, elas precisam mudar. Na realidade, o N.T. diz que agora somos criaturas completamente novas — ou seja, nossas afeições são agora reorientadas para que amemos a Deus mais do que nós mesmos. Para alguns, a mudança de identidade é bastante drástica. Sua vida passa por uma reviravolta radical. As associações antigas ficam num passado distante, e novas associações agora dominam o modo como pensam e até sentem. Para outros, a melhora é lenta.

O coração muda, mas a ignorância da vida cristã os faz crescer em passos pequenos em vez de saltos drásticos. Não é um problema se a transformação que aconteceu com você foi rápida ou vagarosa. Ambas são formas pelas quais Deus reorienta quem somos, para que crescamos no amor por ele mais do que por qualquer outra coisa.

(2) Somos pecadores redimidos. Aplicação: Mesmo após a conversão, somos uma estranha mistura de pessoas redimidas e, ao mesmo tempo, pecadoras. Vocês já devem ter ouvido falar de histórias de conversão, nas quais o alcoólatra de repente para de beber após a conversão. Para a maioria de nós, porém, os resíduos do nosso passado pecaminoso ainda permanecem muito tempo depois de nos convertermos. O mesmo coração que viveu como um não-cristão por anos estabeleceu hábitos pecaminosos, padrões, formas de pensar e estes nem sempre se vão de modo imediato quando somos salvos. A redenção é o processo de arrancar a raiz dessas coisas de forma gradual, consistente e paciente durante toda a vida. A promessa de Romanos 6 é que a graça triunfará no final. Ao longo de nossa vida, a santificação parece um gráfico do mercado de ações: não é uma linha reta, mas um crescimento gradual, com alguns dias melhores que outros.

### **O que isso significa para mim na prática? Como saber disso me permite ajudar os outros?**

O que significa na prática? Como isso afeta a maneira de falar sabiamente aos outros sobre a vida deles? Quando você for aconselhar outras pessoas:

1. Tenha cuidado para não gastar todo o tempo de aconselhamento falando apenas sobre parâmetros *horizontais* – circunstâncias, relacionamentos humanos, informações sobre o histórico da pessoa, escolhas baseadas em pensamento, sentimentos e vontade. Você obviamente vai querer ser muito intencional em trazer a Bíblia para suas conversas e formas de pensar. Cuidado! É fácil subestimar nossa capacidade de passar a maior parte do nosso tempo só em questões horizontais – falando sobre dinâmica relacional, sobre a natureza do nosso problema, nossas frustrações e decepções, nossos desejos e esperanças, etc. Seja muito intencional em mudar o rumo da conversa para uma direção vertical, para Deus. Enquanto vocês estiverem conversando, perguntas simples como “Como Deus vê isso?” podem mudar o foco.
2. Essas categorias teológicas não são as categorias que mais usamos quando pensamos em nossas identidades ou mesmo quando falamos sobre nossas identidades para outras pessoas. Os elementos que disputam a nossa identidade vão além das coisas que consideramos quando pensamos em quem somos. Meu incentivo para você é ser mais intencional em usar parâmetros teológicos ao pensar sobre si mesmo ou em suas conversas com os outros.
3. Tenha cuidado quando for tentar descobrir qual é *autoridade* ou a *maior influência* na identidade de uma pessoa. Faça a si mesmo perguntas fundamentais como: “O que tem maior influência no modo como essa pessoa se vê e se entende — seu trabalho, sua formação familiar, um passado abusivo OU seu amor pela Palavra de Deus, seus desejos para a igreja de Cristo, seu amor pelo povo de Deus?” Esta pergunta sobre a autoridade e a influência o levará à identidade *prática* da pessoa. Embora eu possa me chamar de cristão (o termo “cristão” é um rótulo que eu mesmo dou à minha identidade), na realidade, outra coisa pode dominar a maneira como eu penso. Então, você começa a ver o que realmente governa a vida dessa pessoa (Mateus 6.21).

4. Você pode ficar realmente surpreso com o que alguns cristãos acreditam sobre si mesmos. Como eles definem sua própria identidade é muito mais importante para eles do que como Deus define. Já ouvi cristãos dizendo coisas como “Eu sou um lixo”, “Eu arruíno tudo o que toco”, “Sou um inútil”, “Eu me odeio” ou “Sou uma causa perdida”. Isto é muito mais do que eles verem a si mesmos como um verme, um miserável ou o principal dos pecadores. Em suas mentes, eles são tão horríveis que pensam que estão além até do alcance de Deus.
5. Quando você pára para entender o que tem influenciado mais a identidade de outro cristão, também precisa perguntar o *porquê*. Por que isso, seja lá o que for, ganhou um lugar de tanta importância? O que pode me ajudar a entender por que isso se tornou tão importante para essa pessoa?

[PAUSA PARA AS PERGUNTAS FINAIS]